

## O GÊNERO NOS BRINQUEDOS/ BRINCADEIRAS PARA ALUN@S DO 6º ANO

Leisitânia Nery Teixeira (Universidade Federal de Sergipe)

Lívia de Rezende Cardoso (Universidade Federal de Sergipe)

Mônica Ismerim Barreto (Secretaria Estadual de Educação de Sergipe)

### RESUMO

O brincar é um momento de aprendizado, inclusive de sexismo. Aprende-se desde cedo que alguns brinquedos/brincadeiras são “de menino” ou “de menina”. E que meninos não brincam com artefatos de menina ou vice versa. Mas será que essas ideias sexistas ainda vicejam na mente das crianças nascidas no século XXI? Com o intuito de descobrir se meninos e meninas ainda acreditam que existem brinquedos/brincadeiras que são exclusivos/as de determinado gênero, solicitou-se que alunos e alunas do 6º ano de uma escola municipal de Aracaju/SE listassem brincadeiras/ brinquedos. Não era necessário que a brincadeira ou brinquedo mencionado fosse utilizado por quem o citou. Obtivemos respostas de 35 questionários. As brincadeiras/brinquedos citados exclusivamente para meninos foram: “avião, bola de gude, boneco, luta, moto, pião e pipa”. Brinquedos e brincadeiras citados como exclusivos de meninas foram “adoleta, bambolê, boneca, casinha, comidinha e panelinha”. Tal divisão de brincadeiras/brinquedos corrobora com a recorrente divisão dos papéis sociais a serem desempenhados por homens e mulheres. Desse modo, limitar o brincar de determinadas formas a gêneros específicos é produzir identidades sexistas dissonantes aos sujeitos diversos da contemporaneidade.

**Palavras chave:** gênero; sexismo; brincadeiras; brinquedos.

### INTRODUÇÃO

Desde meados do século XX, as relações entre homens e mulheres sofreram significativas mudanças. E essas mudanças ocorreram também nos comportamentos, a mulher, antes senhora do lar e com seu domínio restrito ao âmbito doméstico, sai dessa esfera privada e passa a se aventurar no campo público. Comportamentos considerados fixos e imutáveis são cotidianamente questionados. Mulheres vestem azul ou rosa, podem ser extremamente delicadas ou

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





não. Essas transgressões de gênero vêm acompanhadas de preconceito, mas continuam sendo cada dia mais freqüentes. E os homens? Atualmente homens cuidam mais da aparência, vestem rosa, e ajudam nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos.

A partir de meados da década de 60 do século XX, com o advento do primeiro contraceptivo oral, que separa o ato sexual da concepção, a mulher passa a ter maior liberdade. (VIEIRA, 2003). Essa revolução sexual, segundo Giddens (1993) promoveu uma autonomia sexual feminina e apresenta conseqüências profundas para a sexualidade masculina.

Dessa forma, a revolução sexual não afetou apenas o comportamento das mulheres, mas afetou a forma de vivenciar e expressar a sexualidade de todos. Mulheres não queriam ser mais sombras dos homens, homossexuais passaram a exigir respeito. Começaram as lutas em prol de direitos iguais, para todos os indivíduos.

## **COISAS DE MENINOS, COISAS DE MENINAS**

O que significa 'ser homem' e 'ser mulher' no início do século XXI? Após a revolução sexual, na década de 60 do século passado, onde as mulheres lutaram por igualdade de direitos e oportunidades, quebraram barreiras e passaram a competir com os homens inclusive conquistando espaços antes redutos masculinos, como o futebol, a idéia que a mulher não poderia ocupar espaços públicos passou a ser questionada. Alguns desses espaços ainda estão sendo duramente conquistados. O preconceito contra a jogadora de futebol continua existindo, mas como assinala Franzini (2005, p.315) tem se observado uma

rápida e impressionante expansão desse esporte entre as mulheres, mundialmente registrada a partir da década de 1980. Basta notar que a própria criação da versão feminina da Copa do Mundo é fruto desse processo de organização e institucionalização, que em alguns países criou uma estrutura equiparável, quando não superior, à do futebol masculino, como na China e nos Estados Unidos, para citar dois dos casos mais significativos.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





E quando uma menina 'teima' em querer brincar com os meninos de futebol como a personagem Joana, do livro "Faca sem ponta, galinha sem pé" de Ruth Rocha, Joana queria jogar bola com seu irmão Pedro, mas ele respondia: "- Onde é que já se viu mulher jogar futebol? [...] - Eu é que não vou levar você! O que é que meus amigos vão dizer?" (ROCHA, 2009, p.6). Por receio do que seus amigos pensariam Pedro, como provavelmente muitos meninos não ficcionais, tem receio do julgamento dos colegas. Assim, as "Joanas" de 'carne e osso', do mesmo modo que nossa personagem, não conseguem brincar de algo que lhes dá prazer pelo simples fato de não possuírem pênis. Até parece que futebol se joga com pênis e não com os pés... Outra profissão que é vista como reduto masculino é a de piloto de avião. Como assinalam Fay e Oliveira (2010, p.11) "existe sim, uma construção social que ainda insiste em determinar que a profissão de piloto seja para homens."

Observa-se, assim, que alguns comportamentos e objetos ainda estão associados ao masculino ou feminino. E ultrapassar esse limite não é visto com bons olhos. Quando um menino brinca com um objeto considerado 'de menina' vai receber admoestação de adultos e outras crianças para que se adéqüe ao padrão masculino vigente. Com a menina é semelhante. Ela é ensinada a gostar de determinadas cores e rejeitar atitudes violentas.

Blaise (2005, apud PAECHTER, 2009) indica que "os meninos não têm permissão de brincar com bonecas Barbies" (2005, p. 120 apud PAECHTER, 2009 p.73). Paetcher assinala ainda que a publicidade de brinquedos é feita por uma perspectiva de gênero, na qual para os meninos são apresentados brinquedos que envolvam atividades físicas, enquanto que para as meninas, são oferecidas bonecas e utensílios domésticos.

Segundo Caldas-Coulthard e Van Leeuwen (2000), crianças de ambos os sexos poderiam brincar tanto com bonecos como a "Barbie" ou "Ken" (bonecos vistos como 'de meninas') como com "Jacqueline" ou "The Rock" (lutadores que tem características atribuídas ao masculino). Porém, como os autores ressaltam, "meninos tendem a não brincar com Ken; meninas tendem a não brincar com Jacqueline" (p.13).

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Para Sarat e Campos (2008), esse modelo dicotômico de sexualidade, onde ocorre a determinação da forma de agir e comportar a partir de uma divisão entre meninos e meninas é, na realidade, uma forma de reforçar o modelo heterossexual vigente. Tal atitude faz com que as diferentes identidades sexuais não sejam discutidas e os papéis determinados culturalmente para cada sexo sejam vistos como naturais.

Assim, meninos e meninas são tratados prioritariamente, por uma referência biológica, na qual seus aparelhos genitais definem sua orientação sexual caracterizada por uma cultura binária e dividida que enfatiza para os meninos brincadeiras como carrinhos, máquinas, jogos, atividades que remetem à vida pública e fora do âmbito doméstico. As meninas ficam sujeitas as atividades com boneca, miniaturas de móveis, fogão, painéis, casinhas, que remetem à vida privada e ao espaço doméstico, contrariando frontalmente uma organização social na qual a mulher, cada vez mais, ocupa espaços públicos. (SARAT; CAMPOS, 2008 p.4)

Como aponta Leda Costa (2006) os homens são criados desde cedo em contato com a bola, tanto que é considerado no mínimo estranho, o menino que não tem interesse por futebol. Um episódio real é relatado por Andrew Sullivan: quando tinha aproximadamente 10 anos, uma menina perguntou “Você tem certeza que aí em baixo você não é menina?” (SULLIVAN,1996 p.12). O motivo da pergunta – ele não gostava de jogar futebol. Não gostar de um determinado esporte seria assim, suficiente para que ele não fosse reconhecido como ‘menino’. Não havia uma conotação afetivo-sexual para a pergunta, apenas não fazer algo que é entendido como ‘coisa de menino’.

Para essa autora, está ocorrendo uma mudança na ideia que “futebol é coisa de menino”, pois tal afirmativa não resiste a uma análise mais cuidadosa, quando observa-se mulheres jogando futebol como profissionais ou em momentos de lazer, e discutindo futebol em mesas redondas sobre o tema na televisão.

Porém, segundo Goellner (2005) existe um estranhamento aos corpos femininos que tem sua aparência corporal é excessivamente transformada pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo. Essas são consideradas “características viris que não apenas questionam sua feminilidade, mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo.” (p. 148). Tal fato é corroborado por Cardoso (2000), que

Realização:



Apoio:



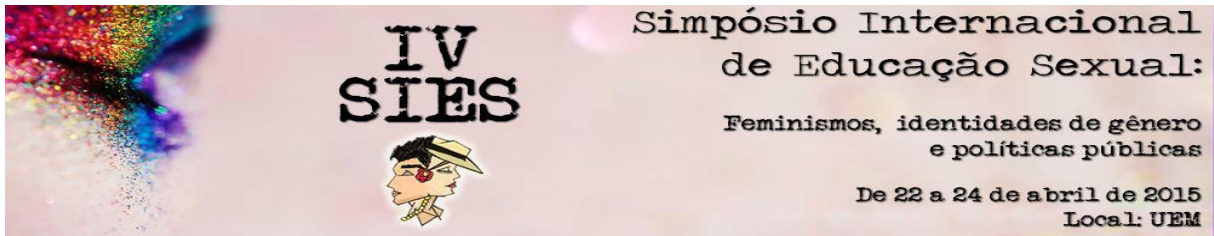
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



relata em uma reportagem sobre a ameaça feminina à supremacia dos homens no esporte, a indignação da atacante Sissi, da seleção brasileira de futebol feminino quando é questionada se tem namorado. Esse fato este aponta a suspeição que mulheres que jogam futebol – um esporte predominantemente masculino – poderiam não ser heterossexuais.

Podemos observar, assim, que atividades consideradas mais agressivas são vistas como ‘espaços privados’ de indivíduos do sexo masculino. Quando estas atividades são realizadas com eficiência pelas mulheres, a feminilidade destas é colocada em xeque. Como se uma mulher ‘de verdade’ não pudesse realizar tal atividade, ou se a realização de uma atividade ‘masculina’ por mulheres diminuísse a masculinidade dos homens.

Desde pequenos, crianças aprendem que existem comportamentos e brincadeiras próprios para cada sexo. Porém, como ressalta Daniela Finco (2003) após observar crianças de 4 a 6 anos brincando em uma instituição infantil

meninos e meninas se revezam nos papéis, sem menosprezar ou desprezar papéis considerados masculinos ou femininos; [...] As crianças brincam espontaneamente com os brinquedos que escolhem sem constrangimentos. Meninos participavam de brincadeiras como cuidar da casa, cozinhar, passar roupa, cuidar dos filhos, que são vistas como funções das mulheres; assim as crianças trocavam e experimentavam os papéis considerados masculinos ou femininos durante os momentos de brincadeira.  
(FINCO, 2003 p. 94)

Essa autora levanta a hipótese que

as crianças ainda não possuem práticas sexistas em suas brincadeiras e, portanto, não reproduzem o sexismo presente no mundo adulto. [...] ao observar as relações entre as crianças, foi possível levantar a hipótese de que os estereótipos dos papéis sexuais, os comportamentos pré-determinados, os preconceitos e discriminações são construções culturais, que existem nas relações dos adultos, mas ainda não conseguiram contaminar totalmente a cultura da criança (FINCO, 2003 p. 95).

Souza e Rodrigues (2002), observaram fato semelhante para crianças de 8 e 9 anos. Estas, quando estavam brincando geralmente se envolviam com as atividades sem preocupação com a adequação das mesmas ao seu gênero.

Realização:



Apoio:

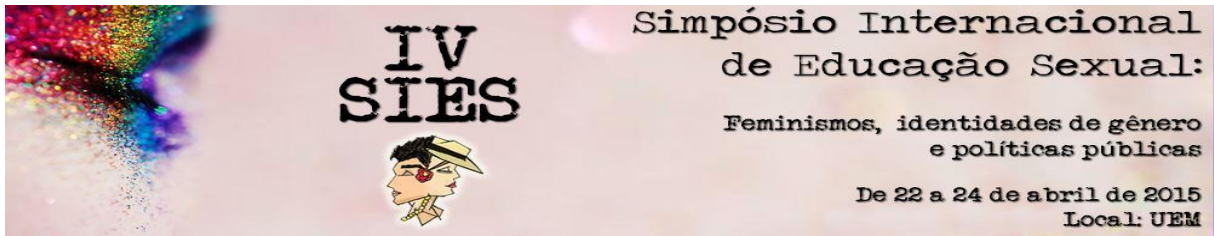


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Meninos e meninas brincavam de “rebater bola, encenar ‘Os escravos de Jó’ e brincar de jogo da velha” (p. 495) sem qualquer preconceito de cunho sexual

Dessa forma, concordamos com Daniela Finco, quando diz que “são os adultos que esperam que as meninas sejam de um jeito e os meninos de outro” (FINCO, 2003 p. 95). Enquanto as crianças ainda não interiorizaram os comportamentos considerados adequados para cada sexo, transitam entre as brincadeiras sem a preocupação do reconhecimento do seu sexo pelo outro.

Para Carrie Paechter (2009), meninos e meninas vão aprender a ‘ser homem’ e ‘ser mulher’ em “comunidades de prática<sup>1</sup> de masculinidade e feminidade” (p.16). Desde que o bebê é nomeado como menino ou menina, “ele entra em uma constelação de comunidades locais superpostos de prática de masculinidade e feminidade, na qual aprenderá com os membros estabelecidos no grupo (pais e irmãos) o que significa ser homem ou mulher em determinada comunidade” (p.17). Dessa forma, nas comunidades de prática, meninas e mulheres “constroem uma espécie de um tipo ideal (ou diferentes tipos, em comunidades diversas) do que significa ser mulher (feminidade) e, ao mesmo tempo, desenvolvem a compreensão de quem elas são (sua feminidade individual e grupal) em relação a esse tipo.” (p.22). A masculinidade, de forma semelhante, também é “mais um tipo ideal que inscreve o que se espera que homens típicos pensem e façam.” (p.23). Homens e mulheres são assim construídos dentro dos modelos que cada comunidade acredita ser característica do masculino e feminino. Um indivíduo para ser aceito como “plenamente masculino” em determinado grupo social, precisa manifestar comportamentos e características que possibilitem seu reconhecimento como tal pelos demais membros. (PAECHTER, 2009).

Ao entramos em contato com outros seres humanos, que fazem parte do nosso grupo social, aprendemos a identificar determinados sinais, atitudes e

---

<sup>1</sup> Segundo Paechter (2009 p. 16) “uma comunidade de prática é, em um sentido bem simples, uma comunidade em que seus membros se engajam em uma prática compartilhada”.

Realização:



Apoio:

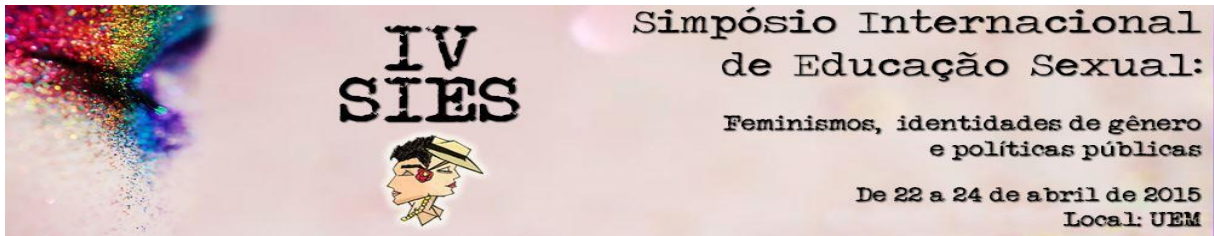


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





comportamentos como pertencentes a um ou outro gênero. Como indica Louro (2001 p. 15), “treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam.”.

Esses comportamentos, sinais e atitudes produzem referências que “fazem sentido no interior da cultura e que definem (pelo menos momentaneamente) quem é o sujeito” (LOURO, 2008 p. 83). Eles produzem marcas que propiciam o reconhecimento do indivíduo como pertencente ou não ao masculino e ao feminino. Assim, é a cultura quem vai indicar quais símbolos serão reconhecidos como pertencentes ao masculino ou ao feminino. Como diz Louro (2001 p. 11)

A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Existe todo um aparato para conformar os indivíduos a um modo masculino ou feminino de vivenciar a sexualidade. Nosso grupo social (família, escola, amigos, religião, leis mídia, médicos) emprega recursos múltiplos e repetitivos para “garantir a coerência e a permanência da norma”. (LOURO, 2008 p. 82)

Dessa forma, a chegada de um novo bebê é um evento cercado de expectativas. Desde que a mulher engravida, ela e toda a família começam a pensar nesse embrião como um ser sexuado. Nomes são escolhidos para menina ou menino, as cores que vão predominar no enxoval vão depender do sexo biológico do futuro bebê. Assim, quando essa criança nasce já traz consigo muitas expectativas quanto aos comportamentos que deve apresentar apenas pelo fato de ter pênis ou vulva.

Se esse bebê é um menino, seus presentes vão ser prioritariamente uma bola ou carrinhos, se menina, vai ganhar bonecas e panelas. Toda uma gama de dispositivos vai ser acionada desde antes do nascimento e principalmente depois para ‘conformar’ esse novo ser ao seu papel sexual, para aquilo que a sociedade, e

Realização:



Apoio:

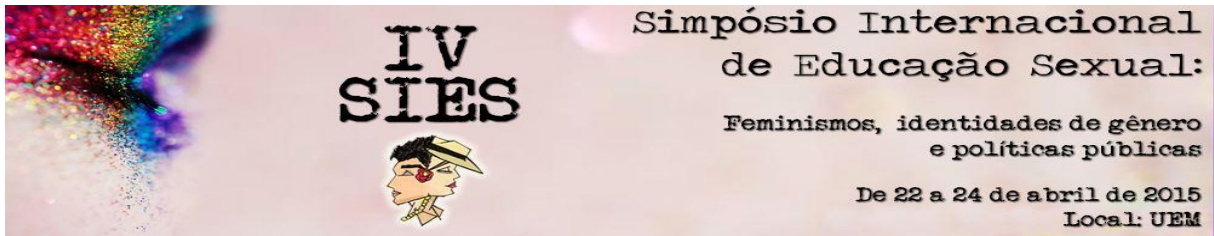


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





em especial a família, acredita ser 'natural' para o sexo masculino ou feminino. Aprendemos assim, no contato com o outro, a 'ser homem' ou 'ser mulher'.

Esses comportamentos acabam por ser entendidos como algo 'natural' para homens ou mulheres. Aqueles que saírem da norma não serão reconhecidos como 'homens ou mulheres de verdade'. Porém, observando como a sexualidade foi e é entendida por outros povos e ao longo do tempo, fica evidente que não existe um padrão único de viver a sexualidade que seja característico do masculino ou feminino.

Dessa forma, ao se 'naturalizar' determinados comportamentos, apontando-os como pertencentes a determinado sexo, ignora-se a influência do ambiente e da cultura sobre os indivíduos.

Aqui, observa-se a necessidade de adequação dos indivíduos a um padrão que indica a forma como estes devem agir para serem aceitos no grupo. Os papéis sexuais são rigidamente definidos, e a identidade de gênero está atrelada a esses papéis.

Pollack (1999) ao discorrer sobre o sofrimento dos meninos que não se 'adequam' ao comportamento esperado para eles, assinala a presença de um 'código' invisível, que preconiza que homens e mulheres são diametralmente diferentes, portanto seus comportamentos não podem ser semelhantes. Dessa forma exige-se que o menino seja forte, não chore ou demonstre seus sentimentos. O "Código dos meninos" execra qualquer atitude considerada 'feminina', e os que não se enquadram são punidos de forma vigorosa pelos companheiros. Esse 'Código' ainda se faz presente nos dias de hoje, reforçando os comportamentos adequados para meninos. Como ressalta Pollack (1999), esse engessamento de padrões comportamentais, gera problemas graves nos meninos, que refletem inclusive na idade adulta.

Comportamentos femininos diferentes dos masculinos, como se não fossem todos humanos. Porque essa distinção? Por que humanos precisam se comportar de forma distinta? Apenas por que tem pênis ou vulva?

E as crianças? Em pleno século XXI ainda reproduzem ideias sexistas? Acreditam que meninos não brincam de boneca e meninas não podem jogar futebol?

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:







Considerando que a nomeação de homens e mulheres se inscreve dentro de determinadas práticas que são reconhecidas e reforçadas pelos componentes de um grupo social, e que os signos que permitem tal reconhecimento sofrem mudanças na sociedade, onde a escola produz e reproduz determinadas práticas, esse trabalho teve como objetivo identificar se alunos e alunas de turmas do 6º ano de uma escola municipal de Aracaju acreditam que existem brincadeiras exclusivas de meninas ou de meninos.

## **METODOLOGIA**

Para atender ao objetivo central desse trabalho, utilizou-se como instrumento de coleta de dado o questionário. Solicitou-se aos alunos e alunas de quatro turmas do 6º ano de uma escola municipal de Aracaju/SE, com idades entre 10 e 13 anos que escrevessem uma lista com o nome de cinco brincadeiras e cinco brinquedos (os alunos foram avisados que poderiam citar o nome de uma brincadeira/brinquedo que não brincavam, mas tinham ouvido falar). Depois que os alunos e alunas escreveram a lista, solicitou-se que anotassem ao lado do nome do brinquedo/brincadeira se este era um brinquedo/brincadeira exclusivo “de menino”, “de menina”, ou se ambos (meninos e meninas podiam brincar). Para atender ao objetivo desse trabalho, vamos nos deter nas respostas que assinalavam brinquedos/brincadeiras que só receberam indicação como pertencentes a um dos gêneros (brinquedos/brincadeiras só de meninos, ou só de meninas). Para tanto não foram consideradas respostas nas quais houve alguma indicação de que o brinquedo ou brincadeira poderia ser utilizada por ambos ou por pessoas de gêneros diferentes. Dessa forma, a brincadeira ‘futebol’, embora seja citada majoritariamente como exclusivo de meninos, por ter recebido três indicações de uso para ambos os sexos, não faz parte da relação.

## **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Foram citadas 38 brincadeiras e 35 brinquedos. Destas, cinco (bambolê, boneca, casinha, comidinha/panelinha e adoleta) foram indicados como exclusivos de meninas e sete (bola de gude, boneco, pipa, avião, moto, pião, luta) como exclusivos de meninos. Os resultados obtidos estão apresentados nas Tabelas 1 e 2.

Tabela 1 - Brincadeiras e brinquedos exclusivos para meninas

		<b>Brincadeira</b>	<b>Brinquedo</b>	<b>Total</b>
<b>1.</b>	Adoleta	1	0	1
<b>2.</b>	Bambolê	2	3	5
<b>3.</b>	Boneca	10	24	34
<b>4.</b>	Casinha	1	1	2
<b>5.</b>	Comidinha/ panelinha	1	1	2

Tabela 2 - Brincadeiras e brinquedos exclusivos para meninos

		<b>Brincadeira</b>	<b>Brinquedo</b>	<b>Total</b>
<b>1.</b>	Avião	0	1	1
<b>2.</b>	Bola de gude	2	1	3
<b>3.</b>	Boneco	2	15	17
<b>4.</b>	Luta	1	0	1
<b>5.</b>	Moto	0	2	2
<b>6.</b>	Pião	0	3	3
<b>7.</b>	Pipa	4	3	7

A brincadeira/brinquedo mais citada como exclusiva para meninas foi a boneca. Outras brincadeiras/brinquedos citadas nesse trabalho que tem relação com 'boneca' foram 'panelinha/comidinha' e 'casinha'.

Como assinalam Sarat e Campos (2008), as brincadeiras de meninas remetem ao ambiente doméstico, com bonecas, móveis, panelinhas. Tal afirmação é corroborada por Ribeiro (1996) que assinala ainda que a menina é “criada como um ser dócil, meigo, emotivo e ‘bem-comportado” (RIBEIRO, 1996, p.27). Como aponta esse autor, “não é à toa que as meninas são criadas para brincar de casinha e comidinha e de fazer ninar o filho: delas, as meninas, é esperado que, ao crescerem, reproduzam essas brincadeiras sendo mães e donas de casa.” (RIBEIRO, 1996, p.27).

Realização:



Apoio:

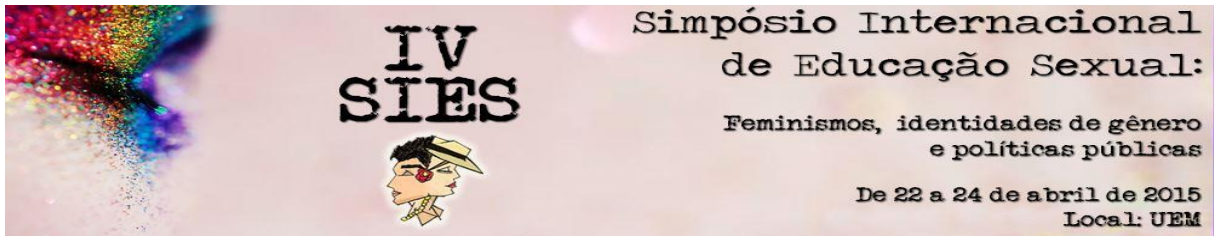


**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Dessa forma, ao indicarem que brinquedos/brincadeiras como 'boneca', 'casinha', 'comidinha/panelinha', são exclusivos de meninas, alunos e alunas pesquisados ainda demonstram reproduzir a ideia de que a menina deve se preparar para cuidar da casa e dos filhos. Ao indicar que boneca, casinha, comidinha/panelinha são brinquedos/brincadeiras exclusivas de meninas, reforça-se a ideia que apenas a mulher deve ser responsável pelo ambiente doméstico e pelo cuidado com os filhos. Exime-se do homem qualquer responsabilidade de realizar tarefas de cuidado com a casa ou com os filhos. Mesmo nos dias de hoje, quando muitas mulheres saíram do espaço privado (casa) e passaram a ocupar cada vez mais espaços tidos como masculinos (são pilotos de avião, mecânicas, motoristas de caminhão, ...) ainda se acredita que é dela a responsabilidade por manter o ambiente doméstico em ordem. Como assinalam França e Schimansk (2009, p. 73) "certas obrigações familiares, tais como o cuidado dos dependentes (crianças e idosos) e trabalhos domésticos, foram e continuam sendo obrigações predominantemente femininas".

Assim, ao assinalarem que apenas meninas devem brincar de boneca, casinha, comidinha e panelinha estão reforçando esse tipo de pensamento, que deixa o encargo dos afazeres domésticos e o cuidado com os filhos apenas para as mulheres. Essa forma de pensar faz com que as mulheres que saem de casa para trabalhar acreditem que seus companheiros não têm responsabilidade com o espaço doméstico. Isso gera uma dupla jornada de trabalho para as mesmas. Saem do lar e trabalham com os homens na esfera pública de igual para igual. Porém ao chegar em casa, no espaço privado, que é ainda percebido como responsabilidade da mulher, devem trabalhar mais uma vez, agora sem o auxílio dos homens, que não se sentem responsáveis pelo cuidado da própria casa. A saída da mulher do ambiente doméstico, em busca de trabalho fora do lar, exige do homem um novo papel, de parceiro. Cabe a ele também o cuidado com a casa e os filhos. Porém, a exclusão dos meninos das brincadeiras com atividades domésticas priva estes de uma maior intimidade com tais tarefas na idade adulta.

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Sobre os brinquedos/brincadeiras exclusivos de meninos: bola de gude, pipa, pião, avião, moto, luta e boneco percebe-se que remetem ao ambiente externo. Brinca-se de bola de gude, pipa e pião na rua. Avião e moto são meios de transporte, de sair de casa. Ou mesmo profissões que ainda são redutos dos homens, como assinalam Fay e Oliveira (2010).

Como assinala Ribeiro (1996, p. 27), os meninos “são estimulados às brincadeiras que os empurram para a rua. [...] É como se essas brincadeiras, jogar bola, soltar pipa e jogar bola de gude – todas na rua – fossem um preparo para mais tarde.” Tal fato é apoiado por Sarat e Campos (2008), que assinalam que as brincadeiras dos meninos, de bola, carrinho e jogos, remetem ao domínio público, diferente das brincadeiras femininas, que tem ligação com o privado. Porém, como já foi apontado, a menina/mulher tem modificado este padrão mulher-privado. A saída para o campo de trabalho, a revolução sexual, produziram mudanças nessa limitação da atuação feminina.

Sobre o brinquedo mais citado como exclusivo de meninos, o boneco, deve-se lembrar que é um objeto que remete à luta, à guerra, que são vistos como espaços masculinos. Brincar de boneco prepara assim, o menino para atuar de forma mais agressiva. Como assinala Ribeiro (1996, p. 27) “estimulam-se no menino a coragem, a agressividade, a competição”. Brinquedos como boneco, que remetem à ideia de luta e agressividade são percebidos como exclusivos dos meninos por que não se concebe que mulheres possam ser agressivas. Elas devem ser ‘naturalmente’ dóceis e meigas, como assinala Ribeiro (1996).

Os dados estão em consonância com o que indicam Caldas-Coulthard e Van Leeuwen (2000), para quem meninas geralmente não brincam com bonecos musculosos e agressivos.

Esses estudantes estão assim reproduzindo as características associadas para cada gênero. Delicadeza, suavidade, casinha, bonecas e tudo o que remete ao espaço privado são percebidos como atributos femininos. Agressividade, força,

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





bonecos e outros atributos da esfera pública são reconhecidos como pertencentes ao universo masculino.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Meninos e meninas gostam de brincar. E aprendem brincando. O brincar é um poderoso meio de educar. Educar para a liberdade, para possibilidades, ou para a conformação a determinados padrões. Ao investigarmos como crianças entendem a relação de gênero a partir de brinquedos/brincadeiras procurou-se desvelar se a ideia de que o espaço público estava relacionado aos homens e o privado às mulheres ainda perdura na mente de crianças nascidas em pleno século XXI.

Observamos que a ideia de brinquedos/brincadeiras exclusivos de determinado sexo ainda reproduzem os papéis desempenhados por homens e mulheres a séculos atrás, quando mulheres não podiam votar, nem trabalhar.

Em pleno século XXI, as mulheres deixaram de atuar somente na esfera privada e passaram a ocupar lugares antes dominados pelos homens. Porém, ainda o formato de divisão das tarefas domésticas ainda perdura nos brinquedos/brincadeiras dos alunos e alunas pesquisados/as. Para essas crianças ainda perdura a ideia que apenas menina brinca de boneca e casinha, só elas precisam aprender a cuidar da casa e das crianças. Sobre brincar de boneco, visto como um brinquedo/brincadeira exclusivo dos meninos, assinala que a agressividade e a competição, que são características desse brinquedo, não devem ser características a serem utilizadas pelas meninas. Reforça-se assim um padrão de meninas dóceis, meigas, cuidadoras e meninos agressivos e competitivos.

Restringe-se assim as possibilidades de exploração do mundo que cada criança poderia ter, limitando as meninas às atividades domésticas e os meninos ao mundo exterior.

Meninos e meninas deveriam poder aprender e experienciar todas as formas de convivência. Deveriam aprender a cuidar da casa e dos filhos, a se posicionar de forma mais agressiva e a lutar pelo que desejam. Precisamos de seres humanos

Realização:



Apoio:



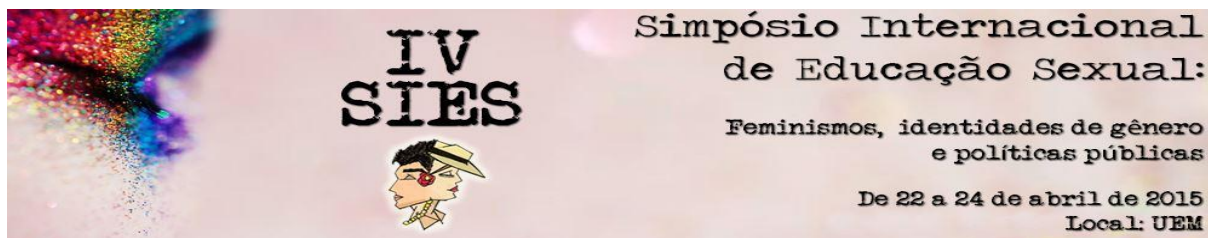
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



que, por terem tido a possibilidade de conhecer diversas formas de viver, possam ter uma vida mais ampla, mais cheia de possibilidades, dentro e fora de casa.

## REFERÊNCIAS

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; VAN LEEUWEN, Theo. Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. In: **Linguagem em (Dis)curso**. Universidade do Sul de Santa Catarina. - v. 1, n. 1 (2000) - Tubarão: Ed. Unisul, 2000.

COSTA, Leda M. da. Maria-chuteiras x torcedoras “autênticas”. Identidade feminina e futebol. “USOS DO PASSADO” XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RJ, 2006, Niterói. **Anais** do XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006, p. 1-11

CARDOSO, M. Elas venceram. **Revista Veja**. São Paulo, n.1645, p.20-2, 2000 Disponível em <[http://veja.abril.com.br/190400/p\\_072.html](http://veja.abril.com.br/190400/p_072.html)> Acesso em 14 ago 2014.

FAY, Claudia Musa; OLIVEIRA, Geneci Guimarães de. Pilotos e comissários: profissão de homem e profissão de mulher? **Anais do VIII Congresso Iberoamericano em Ciência, Tecnologia e Gênero**. Local: Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Curitiba, 2010. Disponível em: [http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo\\_cd/E7\\_Pilotos\\_e\\_Comiss%C3%A1rios.pdf](http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/eventos/cictg/conteudo_cd/E7_Pilotos_e_Comiss%C3%A1rios.pdf). Acesso em 20 fev 2015.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na Educação Infantil. **Pro-Posições**: Dossiê: Educação Infantil e Gênero, v. 14, n. 42, 2003, p.89-102.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 25, n. 50, Dec. 2005 . Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882005000200012&script=sci\\_arttext#back1](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882005000200012&script=sci_arttext#back1). Acesso em 15 fev 2015.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades. São Paulo: UNESP, 1993

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. In: **Revista brasileira de Educação Física**. São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005 143-151. Disponível em: <http://www.usp.br/eef/rbefe/v19n22005/v19n2p143.pdf>. Acesso em 30 mar 2015.

Realização:



Apoio:



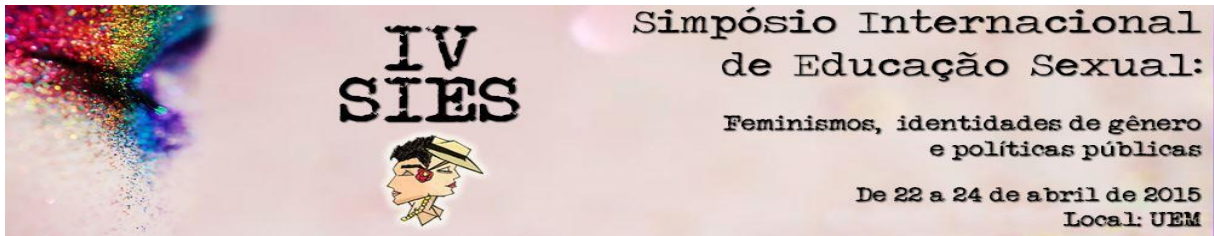
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **O Corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-34.

PAECHTER, Carrie. **Meninos e meninas**: aprendendo sobre masculinidades e feminidades / Carrie Paechter; tradução, consultoria e supervisão Rita Terezinha Schimidt. Porto Alegre: Artmed, 2009. 192p

POLLACK, William. **Meninos de verdade**: conflitos e desafios na educação de filhos homens. São Paulo: Alegro, 1999.

RIBEIRO, Marcos. **Sexo sem mistérios**. Editora Saraiva, São Paulo, 1996.

ROCHA, Ruth. **Faca sem ponta, galinha sem pé**. São Paulo: Moderna, 2009.

SARAT, Magda; CAMPOS, Míria Izabel. Memórias de infância e identidade de gênero na formação das profissionais na educação infantil. In: Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder, 2008, Florianópolis. Anais... Disponível em [http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Sarat-Campos\\_10.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Sarat-Campos_10.pdf) Acesso em: 22 set. 2013.

SOUZA, F. & RODRIGUES, M. M. (2002). A segregação sexual na interação de crianças de 8 e 9 anos **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.15, n.3, 489- 496.

SULLIVAN, Andrew. **Praticamente normal**: uma discussão sobre o homossexualismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. Políticas públicas e contracepção no Brasil. In: BERQUÓ, Elza (org). **Sexo& Vida**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2003. p. 151-196

## ABSTRACT

The play is a time of learning, including sexism. We learn early on that some toys / games are "boy" or "girl". And that boys do not play with girl artifacts or vice versa. But do these sexist ideas still thrive in the minds of children born in the 21st century? In order to find out if boys and girls still believe that there are toys / games that are exclusive of the particular genre, was asked to male and female students of the sixth grade of a municipal school in Aracaju / SE were listing games / toys.

It was not necessary for the game or toy mentioned was used by who cited. We obtained responses from 35 questionnaires. The games / toys cited exclusively for boys were "airplane, marble, action-figure dolls, fight, bike, spinning and kite". Toys and games cited as exclusive girls were "adoleta, hula, doll, playing house, playing food and clique". Such a division of games / toys corroborates the applicant division of social roles to be played by men and women. Thereby limiting the play of certain

Realização:



Apoio:



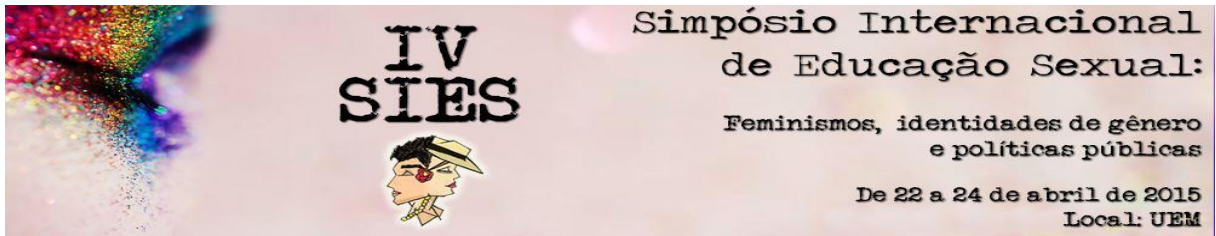
**DTP** Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



forms to specific genres is to produce dissonant sexist identities of the various contemporary subjects.

Key-words: gender; sexism; play; toys

Realização:



Apoio:



**DTP** Departamento de  
Teoria e Prática  
da Educação



Patrocínio:

